

FESTA DE GALA DO DIA 29. — Os fardões e o bouillon de riz à l'impériale.

Assistindo ao POLIUTO, aquelles a quem as librés eram pesadas, tomam com ellas a canja fabricada no Capitólio. E' suadavel e gostosa, e as librés lhe assentam bem.



— Já sei, já sei; do que vocês gostam é do caldo de gallinha; enrija a fibra e amollice a espinha. Já sei, já sei...
(*Por entre as prégas da cortina da tribuna e das calças largas, divisámos as sombras de opiniões livres e de manifestos feitos, a estorcerem-se.*)



Recebemos e agradecemos:

O Occidente, n.º 13. — Traz excellentes gravuras e uma espirituosissima chronica quinzenal do festejado escriptor Guilherme do Azevedo.

Bibliotheca economica, n.ºs 10 e 11. — Continúa a publicar a *Historia de um crime*, de Victor Hugo.

Prospecto da Garantia e Protecção Mutua.

Convites do:

Jockey-Club. — Si a Directoria levasse a sua benevolencia a nos offerecer dous cartões...

Congresso Brasileiro.

Club Mozart.

As flores do commercio, quadrilha phantastica.

Agradecemos mais:

Ao Sr. Ferrari as assignaturas do *Lyrico* com que nos honrou.

Ao nosso amigo F*** o busto em gesso de Alexandre Herculano, que occupa um lugar de honra em nossa redacção.

Quadro synoptico do imperio do Brazil, pelo Sr. J. A. Pereira de Carvalho.

E' um quadro com grandes effeitos de luz sob o ponto de vista da estatistica.

Pedimos á illustrada redacção do *Cruzeiro* o obsequio de noticiar o nosso apparecimento.

Quando não o faz parece-nos que o nosso entregador desculpou-se e que não logramos a dita de ser lidos pela redacção illustrada, o que bastante nos desconsola.



A' urna!



título d'este artiguete é pura e simplesmente uma estafada figura de rhetorica, que se mostra de vez em quando aos olhos indagadores do corpo eleitoral d'este feliz imperio.

Diz-se á urna, como se poderia dizer, e com mais propriedade—*ao caixote!*

Verdade seja que a dar-se essa troca de termos os illustres representantes nos arroubos da sua eloquencia teriam de substituir

a antiga chapa—*nós os filhos da urna*—por esta phrase muito mais precisa—*nós os filhos do caixote*.

Ainda assim, apezar da maior precisão d'esta ultima phrase, Suas Excs. os augustos representantes ainda, usando-a, não fallariam inteira verdade, pois que se é ingavel que Suas Excs. são pais da Patria, o que tambem é sabido é que não são os mesmos augustos filhos da urna, nem do caixote, nem mesmo da arca.

E como é indispensavel, para conveniencia da rhetorica parlamentar, que os excellentissimos augustos sejam filhos de alguma cousa ou pessoa, nós não hesitamos em confessar que a mãe de Suas Excs. é a respeitabilissima Senhora D. Bayoneta!

Tão extremosa é esta D. Bayoneta pelos filhos que ainda traz em suas entranhas e que na proxima lua dará á luz, que apezar do estado adiantado da sua gravidez, Sua Exc. não duvidou abandonar as suas banhas e deitar-se por ahi fóra a vêtos os melhores logares em que deve pôr os seus queridos filhos.

Que D. Bayoneta tenha bôa hora!



Um paradoxo

Ha noticias boas e ha noticias más; entretanto as noticias más são quasi sempre boas; excepto aquellas que são más.

TINOCOZÃO.

(*Poucas gargalhadas geraes.*)

Typos e Typões.

III

ARTHUR DE OLIVEIRA.



enhum moço possui no Brazil mais variada illustração litteraria.

A sua sciencia resentese, todavia, da falta de methodo que houve nas leituras.

E' como um sujeito que comeu muito e de pressa; difficuldades de digestão.

Soffre, pois, de dyspepsia intellectual.

Mas, ainda assim, nenhum rapaz lhe leva a palma.

Nenhum dos que conheço.

Tem dias de bom humor e dias de mau humor, com accentuação diversa da maior parte dos homens.

N'aquelles faz gosto tratar com elle: é insinuante, alegre, espirituoso; n'estes, torna-se sombrio como um tumulto, inacessível, susceptível, impossível!

Já lhe conheço a disposição do espirito pelos labios: entorta-os nas mais horas.

Viajou. Tem essa vantagem sobre a maioria dos litteratos brasileiros. Porque o litterato é como o rapé: viajado é outro.

Foi amigo de Theophilo Gauthier, a quem deve um bom conselho, que não duvida transmittir aos amigos.

— Lisez les dictionnaires, jeune homme!

Chamava-lhe o seu Theo.

Recebeu a noticia da morte do autor do *Maupin* na rua do Ouvidor: quasi morre tambem.

Tem trabalhado pouco, muito pouco até. A reputação que alcançou foi adquirida menos com a penna do que com a lingua.

Como Lopes Trovão, está sempre a projectar publicações periodicas, que não apparecem.

Ultimamente fallou muito de uma revista, que devia surgir qualquer dia: o *Cenaculo*.

Chegou mesmo a distribuir empregos e a marcar ordenados mais vantajosos do que o faria um Baloz.

Mas já não se falla n'isso.

O *Cenaculo* não foi publicado; mas o redactor declama-o no café aos amigos.

E' como si apparecesse um numero cada dia.

Senta-se entre os rapazes, e diz o artigo de fundo, o folhetim, o artigo litterario, as anedotas e até os annuncios.

Quando o Arthur não apparece na rua do Ouvidor, é uma lastima geral:

— Ora! não sahii hoje o *Cenaculo*.

Mas si apparece o homem, é recebido aos abraços; si está alegre, ninguém se conserva sério; si o não está, a todos impressionam os seus paradoxos sombrios.

E' bom. Quando encontra alta noite um amigo:

— De quanto é a tua fortuna?

— Dois mil réis.

— Que diabo! Eu tenho seis! Toma lá dous para restabelecermos o equilibrio.

Em tendo dinheiro no bolso é uma mania: restabelecer o equilibrio.

Tem um defeito: esquece-se do litterato pelo amigo. Louva pessimos trabalhos, como si foram outras tantas provas de amizade do autor.

No mais, ama os gatos e embirra com o engenheiro Ramos de Queiroz.

DOM BIRAS.



Boatos

Por cafés e Castellões
Eis o que anda na berra:
Diz-se bem do Tamagno,
E mal do Quincas Serra.

KIT.

UNS APROPOSITOS



o senhor ministro da marinha, o vinagre, o Harpagon do ministerio, voltou a grave economia, que entrou a soffrer quando tomou conta da pasta salsa, verde e sinuosa: a pasta da marinha.

Sua Ex.^a vai dar á luz a maior economia, que pôde imaginar um uzurario, um Say, um homem seguro...; vai economisar o tempo, que elle perde em fazer economias; vai por isso, acabar com o arsenal de marinha.

*

— Um dia aquelle prurido ainda o leva ao extremo de economisar-se a si mesmo; dizia uma interessante senhora.

— Não se assuste minha amavel, acudia Sua Ex.^a que ouvin; não se assuste, que não me gasto como V. Ex.^a pensa.

.... ah! que não sabia ainda que o circumspetto ministro amontoava torrões de bellas phrases perdulariamente sobre os saltos vermelhos do espirito.... não sabia.

Osmann é o nome de um cavallo, que ganhou o grande premio do *Sport*.

Foi um delirio vê-o chegar; gritavam, batiam palmas, as mulheres perdiam a voz no fundo das gargantas, e os homens nos fundos dos copos de cerveja allemã, e o grande e sublime quadrupede, chegava ao distanciado, enternecido de tantos applausos, e suando pela grande esfrega.

*

Sei bem que um cavallo não vale um homem, apesar de que o rei Henrique trocava o seu reino inteiro por um só cavallo, porém hoje não é assim: o cavallo vale muito menos, tanto, que tratam de melhorar-lhe a raça.

Com o apparecimento da opera lyrica andam os folhetinistas criticos n'um compasso especial:

— Andam á $\frac{1}{2}$.

THOMAZINNI, *bibliophilo*.



THEATROLOGIA POLITICA. — *Gasparuto ou os martyres... de si proprios.*
(Parodia do POLIUTO)



SEGUNDO ACTO. — Gasparuto arroja ao chão a casarola das suas opiniões, no templo onde se adoram falsos deuses — templos varridos e limpos por princezas pagãs.
(Diz Gasparuto..)

No Gasparuto está alterada a partitura do *Poliuto*: não tem eredo nem é lançado ás feras. Gasparuto pactúa com os deuses pagãos, não deixando de ser *christão da Turysia*. Não é peixe nem carne; atira com tudo ao chão e canta bem.

AS ELEIÇÕES. — *Os gladiadores no circo antes do combate.*

(PARODIA DO QUADRO DE GERÔME)

Os gladiadores no circulo... eleitoral.



— Ave Cesar; morituri te salutant!
— Ave Cesar; os que vão morrer te saúdam!

Despeito

Um pretendente do Sr. ministro da justiça, viu malograda a sua pretensão e posto outro individuo no lugar que requeria.

A um amigo que lhe dirigia palavras de consolação, respondeu o inconsolavel preterido:

— Não tem duvida. Eu já o esperava. Aquelle ministro tem a alma torta.

— Como assim?

— Pois os olhos não são o espelho da alma? Repara nos olhos d'elle e verás se elles não reflectem uma cousa torta.

BRAZ.



Os suicídios



tão vulgar e tão enraizada está nos costumes fluminenses a mania do suicidio, que a gente já se não commove nada quando pela manhã os periodicos nos entram pela porta dentro, a suar de cansados, para nos annunciarem que Fulano ou Fulana puzeram termo aos seus dias, victima aquella de atrazos de negocio, victima esta do olvido de um amante desalmado e cruel.

O que, porém, é ainda mais vulgar, mais baixo, mais desprezível, não é propriamente o suicidio em si, é a tentativa de suicidio.

De cem individuos, implicados n'esta conspiração contra a propria vida, que vão alguns para a Misericordia e quasi todos simplesmente até a presença da auctoridade mais proxima, que franze os sobr'olhos e os manda para casa; d'esses cem individuos, repito, noventa e nove não se suicidaram, tentaram apenas, com uma faca de cosinha, com uma sovela de sapateiro ou com qualquer outro objecto mais comico e mais perfurante, fugir ás cruzeas do amante ou aos máus tractos da fortuna.

Quanto a nós, os sujeitos que se suicidam parecem-se muito com os moradores do Sacco do Alfêres, que vão ao Lyrico e retiram-se desordenadamente, antes de terminar o espectáculo.

E como os sinceros apreciadores de musica estão a pedir constantemente aos referidos moradores do Sacco que se retirem quando lhes parecer, mas que não façam barulho; nós, n'estas mal traçadas linhas, vimos tambem pedir aos Srs. suicidas proximos futuros que ponham as suas infelizes tripas ao sol, mas que sejam intelligentes, que não estejam a morrer aos pedaços, sensaboronamente, caricatamente.

Tomem o meu conselho: suicidem-se uma, duas, tres, quantas vezes quiserem; mas quando se approximar a hora fatal—morrã! immediatamente, logo logo, de uma assentada, sem hesitações e sem rodeios, sem sophismas e sem réclames.

DOM BIBAS.

Pingos.

O Arthur n.º 6 foi ouvir o *Esrico*.

— Então, perguntaram-lhe, como foi aquillo? houve piano?

— Houve.

— E cantou o maestro? tem boa voz? cantou bem?...

— Os córos... os córos elle cantou bem.

M^{me} X móra no quarto n.º 10; e como alli só se sai e se entra por uma unica porta, um pai, que entrava, perguntou ao filho, que sabia:

— O que veio fazer o senhor aqui?

— Vim, respondeu o filho atrapalhado, vim prevenir á M^{me} X que o Senhor vinha ter com ella.

D. Bibas não podia comprehender como um sultão tivesse tantas mulheres.

— E' impossivel, dizia elle; ora imaginem por exemplo um sultão com 32 mulheres, qae...

— E então? é simples, atalhou o *arraes*, imagine agora lá como um palito serve para 32 dentes.

No *Rink*: B*** é um folião pai de familias; patinando escorregou e partiu as pernas.

— Pobre, já não pode ganhar a vida; está de braços quebrados!

JULIÃO.



As eleições.

O *Besouro* vai votar tambem, porém previne que a sua cedula é a expressão genuina do voto livre.

Elle vai votar no homem que tem mais aptidões para sentar-se na cadeira do parlamento, isto é: que tem talento e probidade do seu talento; que é honesto, que nunca transigiu com o seu credo politico, qualquer que elle fosse; que tem plena convicção dos seus direitos, e que eleito será revestido de um mandato especial, sério e de grande responsabilidade.

O *Besouro* vai deitar a sua cedula na urna... a cedula vai em branco.

E assim vota como todo o cidadão devia votar.

LEBIGRE.



GAJICES.



ulio Huelva, o crítico lyrico, conversava com umas senhoras da grande sociedade.

Fallava-se de musica, e especialmente das operas *Traviata* e *Polinto*, e da estrêa da companhia Ferrari, quando uma das damas pergunta ao crítico:

— No seu caso, Sr. Huelva, qual cantava em primeiro lugar? O *Polinto* ou a *Traviata*?

Julio-o-lyrico vai a responder de pressa, atrapalha-se, confunde os artigos e diz:

— Eu, minha Senhora, deixaria a *Polinto* e cantaria com mais prazer... o *Traviata*.
Sensação!

**

N'uma roda que está sempre á porta do Castellões:

— Que tal achas o *Besouro*?

— Não é mau, responde um sujeito que parece ser o Sr. Anísio.

— Gosto muito d'elle...

— E eu tambem, observa o sujeito que é o Sr. Anísio.

— Pois que é um hebdomadario...

— *Hebdomadario* não acho que elle seja muito; até o considero bastante *espirituoso*, diz o Sr. Anísio.

Admiração e sensação!

**

Esta é de Paris e está ainda fresquinha.

O França Junior, por achem a nariz-de-mais, vai visitar a exposição em companhia de uma distincta familia franceza, e com a maior amabilidade occupa-se em explicar e fazer notar diversos objectos, com o auxilio de um catalogo que traz entre mãos.

Chegam-se para um quadro que representa uma moça nua, deitada sobre o leito, e pergunta-lhe uma das senhoras:

— Isto o que representa, Sr. França?

O França consulta o catalogo, engana-se no numero e responde todo cheio de si:

— *Reposo depois do exercicio...*

Sensação, admiração e tableau!!

FIM-FIM.



NOTICIARIO

A redacção do *Besouro* vai sem novidade na sua importante saude. Apenas o seu Arraes tem soffrido uns ligeiros achaques, — penas de amores, que mal traduzem as pennas.

Felizmente elle já tomou o conselho amigavel que todos lhe damos: vai se queixar ao bispo. É que se não lhe vale o bispo... nem nós.

A Sra. Suzanne Castera foi vista hontem na rua do Ouvidor a guiar o animal do seu carro.

Alguem achou n'isso motivo para admirar-se; nós achamos que o contrario seria *mais menos* admiravel.

Entrou ha poucos dias para o Hospicio de Pedro II o nosso bom amigo B. de O., que enlouquecera repentinamente, ao terminar a leitura de uma carta... egypciaca.

O infeliz tivera a funesta idea de tentar um impossivel: comprehender o Amenophis-Effendi.

Ao mesmo tempo que a companhia lyrica vai cantar a *Aida* de Verdi, a companhia do Cassino vai representar a *Volta... do Mundo*.

E' a volta d'*Aida*, para nossa alegria, e a ida da *Volta* — para o limbo do *Primo Basilio*.

Temos a participar aos nossos leitores que já conhecemos e até já travamos relações de amizade com o empozario da *Bibliotheca galante*, com perdão da palavra.

E' filho do Juca Lessa, parente do Fonseca Brito e neto do Manueca Gallo; e podemos affirmar além d'isso, que é elle um perfeito cavalheiro de in-dole boa.

Hontem á 1 hora da tarde era grande a aglomeração de povo no largo do Paço, para vêr, dizia-se, a barca *Segunda*, que vindo de Niecheroy com uma força immensa, não pudera parar, atravessara a ponte e continuava a navegar por terra encaminhando-se na direcção da rua do Ouvidor.

Averiguado o extranho caso, viu-se que não era a barca *Segunda*, mas sim o Sr. conego Ferreira, que seguia n'aquella direcção.

Escreve-nos o nosso correspondente do Morro do Viintem participando-nos que n'estes ultimos dias tem sido immenso o consumo de botões despregados e de barguilhas arrebrandadas, n'aquella região.

Vai ser por esse facto impedida a leitura da *Revista dos Jornaes*, da *Reforma*, entre os habitantes d'aquelle importante morro.

Ficou exuberantemente provado que o que choveu sobre esta cidade nos primeiros dias d'esta semana — foi agua.

E' que durante a semana passada tambem fôra grande a chuva — de circulares.

O responsavel pela veracidade d'estas noticias ainda continúa a ser como até agora

O noticiarista

KARLO MELLO.

P. S. — Hoje não ha *post-scriptum*.

O leitor, que já contava com elle, ha de confessar que eu sou um alho, e que elle, o leitor, não é menos.

K. MELLO.

AS ELEIÇÕES. — O Rio de Janeiro, ou a fatia de Pão-de-ló dos anjos

TODOS A QUEREM (1,255 MENINOS)



A FATIA DE PÃO-DE-LÓ

— Eu quero, eu quero... — Papai diz que é para mim...

— Eu sou mais socgado. — E eu sou o mais bonito!

Quem *abiscotará*? Esta fatia representa a livre vontade do povo: e não havemos de fazer caricaturas!!ELEIÇÕES. — Huguenotes. — *Benção dos punhaes.*Capangotes. — *Benção das navalhas.*

Por haver provado mal, enviando um compatriota preso, quando este só queria vir abraçar a mãe, vai para a margem o consul de New-York.

